



<b>CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO</b>	
<b>Depoimento n°: 008</b>	<b>Data: 08/09/2017</b>
<b>Local: Câmara dos Deputados</b>	<b>Duração: 1h23min</b>

<b>COLABORADOR</b>
<b>MARIA INÊS DE BESSA LINS - Secretária da Subcomissão dos Estados da Comissão de Organização do Estado</b>

<b>SUMÁRIO</b>
<b>Depoimento sobre a Assembleia Nacional Constituinte de 1987 e 1988 para o acervo de depoimentos do Núcleo de História Oral do Centro de Documentação e Informação — CEDI.</b>

<b>TÓPICOS</b>
1. Formação; 2. Vinda para Brasília; 3. O concurso da Câmara; 4. O início no Centro de Documentação e Informação (Cedi); 5. Moradia em Brasília; 6. A saída do Cedi; 7. O trabalho no Cedi; 8. O trabalho no Decom; 9. Genealogia dos Bessa e dos Villefort; 10. Os seminários e a Lei Orgânica da Saúde; 11. Fazendo parte da História; 12. Os novos estados; 13. A participação popular; 14. Secretária da Comissão de Previdência e Assistência Social; 15. A constituição da equipe da secretaria da Subcomissão dos Estados; 16. A rotina da Subcomissão dos Estados; 17. A criação de novos Estados; 18. A comissão de sistematização; 19. A coordenação do Mozart; 20. O <i>lobby</i> feminino; 21. Avaliação do trabalho na Constituinte; 22. A continuação do trabalho na Câmara; 23. O legado.

## **1. Formação**

Nasci em Belo Horizonte e passei minha infância todinha lá. Foi muito boa. Melhor não poderia ser: de pé no chão, de subir em árvores e de correr na rua. Eu sou a segunda filha de oito filhos. Isso dá uma dimensão de como era uma farra a minha casa. O meu pai era psiquiatra. Já é falecido. A minha mãe era postalista dos Correios, mas, quando começou a chegar esse monte de filhos, ela largou e ficou só tomando conta dessa turma.



Formei no nível médio no Curso Normal. Formei-me professora, fiz aqueles estágios. Algumas vezes, aqui mesmo na Câmara, chamaram-me para dar aula no curso de formação de secretários de comissão. No ensino superior, formei-me no curso de Biblioteconomia, que hoje chamam de Ciência da Documentação.

Na época, queria fazer jornalismo, mas tanto o meu pai quanto o psicólogo que me atendeu para fazer a orientação vocacional disseram que não teria habilidade, pela minha dificuldade de me relacionar com as pessoas, pela minha timidez. Eu tinha que ser um pouco mais despachada do que era. Quando fiz as provas, os testes, os exames para a orientação vocacional, foi sugerida pelo psicólogo uma coisa que nem passava pela minha cabeça: ser protética. Eu não tenho habilidade manual, não daria certo. O meu pai, como psiquiatra, interveio e disse: *“Você gosta tanto de mexer com os livros, você já mexe com os livros de casa”* — ele sugeriu biblioteconomia. Eu nunca tinha pensado, mas frequentava a Biblioteca Pública em Belo Horizonte, que por acaso tinha o nome meu tio-avô, Luiz de Bessa<sup>1</sup>. Isto era comum para mim: biblioteca, lidar com bibliotecários. Aí eu quis fazer. O meu pai chegou a ter quase 30 mil volumes na biblioteca dele. Metade da casa, no andar de cima, era a biblioteca. O tempo todo nós convivíamos com livros. Então, estava acostumada a listar os livros. Fazia sem técnica, só com aquilo que ele me passava como orientação. Às vezes, ele tinha livros raros. Como, além de psiquiatra, ele era professor, ele emprestava para os alunos, para outras pessoas, para parentes. Nós cuidávamos registrando. Era uma tarefa que eu fazia.

Também no ensino médio, fiz Contabilidade. Quando estava para aposentar da Câmara dos Deputados. Eu pensei assim: *“Vou me aposentar e, de repente, não me adapto. Preciso ter outra atividade”*. Tinha facilidade com contabilidade porque já fazia, sem assinar, na empresa do meu marido. Aí fiz o nível médio no La Salle.

## **2. Vinda para Brasília**

Eu vim em 1971 para Brasília. Fiz quatro concursos na mesma época. Costumo falar que era raríssimo haver tanto concurso para bibliotecário numa mesma época. Isso foi sorte. Agora, não posso negar que tinha alguma competência, porque passei

---

<sup>1</sup> Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, também conhecida como Biblioteca da Praça da Liberdade.



---

nos quatro: o concurso do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), no qual fiquei em quinto lugar; o da Universidade de Brasília (UnB), em que fui classificada, mas não entrei no número de vagas; o daqui; e fiquei em terceiro lugar em Belo Horizonte. Optei por vir para Brasília porque vi que aqui havia mais oportunidades. Durante o curso, falava-se muito sobre a Biblioteca da Câmara como uma coisa especial. Quando a Câmara me chamou, vim correndo.

### **3. O concurso da Câmara**

Foi uma surpresa o concurso da Câmara. Os outros foram mais simples. Aqui na capa se escondia o nome que nos identificava. As provas eram corrigidas sem identificação. Quando nos chamaram para olhar, para fazermos os recursos — eles colocavam no plenário as provas, de acordo com as notas —, eu fui olhar. A única prova em que tinha medo de não passar era a de bibliografia. Comecei a olhar: eles colocavam de um lado as notas dos candidatos que não tinham passado e, do outro, as de quem tinha passado. Comecei pelas notas de quem não tinha passado. Ao terminar e ver que eu não estava entre aqueles que não tinham passado, pulei, mesmo sem me reconhecer no outro lado. Tinha me reconhecido pela letra. Era preciso tirar 60 para passar, e tirei 60!

### **4. O início no Centro de Documentação e Informação (Cedi)**

Para mim, foi tudo surpreendente. Meu primeiro emprego foi aqui na Câmara, não tinha trabalhado antes. Achei tudo muito importante. Eu me sentia gente grande. Aconteceu algo bem curioso. Eu não tinha vestidos, e na Câmara não se trabalhava de calça comprida. Tive que fazer um enxoval todo novo, para frequentar a Biblioteca. Achei muito grande o lugar. Nós éramos muitas — umas 10 ou 12 — chegando ao mesmo tempo. Aconteceu outra coisa. Na hora de tomar posse, disseram que nós tínhamos que cantar o Hino Nacional. Fiquei decorando para não errar nada. Cantamos juntos. Não tive nenhum medo mais.

### **5. Moradia em Brasília**

Acho que andei quebrando algumas barreiras. Primeiro, vim para Brasília com meu namorado à época. Ele era estudante de Medicina na UnB. Acho melhor não



falar o nome dele. Vim com ele de carro, o que, para minha família, foi um “auê”. Naquela época, vir de Belo Horizonte até Brasília, de carro, com um rapaz, foi um susto. Ninguém me perguntou. Havia outra pessoa comigo.

Quando vim para Brasília, primeiro, morei dois meses na casa de uma amiga; depois morei por oito meses numa pensão; em seguida, dividi apartamento com algumas amigas, também bibliotecárias.

Entrei no dia 21 de setembro. Em 8 de dezembro, houve um sorteio — naquela época, havia sorteio. Um número maior de pessoas pleiteava financiamento por meio da Câmara. Por sorteio, fui uma daquelas. Naquele tempo, era uma maravilha: o recesso não era apenas para parlamentares. Nós também tínhamos recesso de quarenta dias. Fui sorteada, saí os quarenta dias de recesso. Só no ano seguinte é que fui tomar posse do apartamento, que foi entregue sem nada. No primeiro dia, quando fui morar lá, dei um jeito com uma amiga de levar para o apartamento o que pudesse: as coisas que tinha no outro apartamento em que estava com algumas amigas. Como não tinha cama, dormi o primeiro dia num cobertor. Mas era muito feliz, muito realizada. Valeu a pena.

## **6. A saída do Cedi**

Esta é uma história meio triste. Tinham colocado uma pessoa que não era bibliotecária para dirigir o Cedi<sup>2</sup>. Nós vínhamos da gestão de Mário Teles<sup>3</sup>, que não era bibliotecário — poderia sê-lo, se quisesse. Como um corpo de bibliotecários, achávamos que não daria muito certo esta pessoa nos dirigir. Houve uma espécie de movimento, uma reação contra isso. Fui uma das pessoas que entrou contra a Câmara no Supremo Tribunal Federal para derrubar isso. Nós entregamos os cargos para mostrar que a reação era real. Todos os chefes entregaram os cargos. Depois, quando fomos ao Supremo, que não entrou no mérito da questão, consideraram que aquela medida de mandado de segurança não era o caminho correto<sup>4</sup>. Então, fomos

---

<sup>2</sup> Aristeu Gonçalves de Melo. Diretor do Centro de Documentação e Informação (Cedi) da Câmara dos Deputados.

<sup>3</sup> Mario Teles de Oliveira. V. <https://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/arquivo/depoimentos/memoriadoservidor/Contos%20da%20Camara%201%20e%202/MarioTelesDeOliveira.pdf>

<sup>4</sup> V. Mandado de segurança - Legitimidade ativa - Conselho Federal de Biblioteconomia - Leitão de Abreu DOI: <http://dx.doi.org/10.12660/rda.v144.1981.43348>



derrubados por isso. Mas já tínhamos feito toda aquela confusão. Alguns — inclusive eu — saíram da Biblioteca.

Fui trabalhar no Departamento de Comissões, na Coordenação de Comissões Especiais, mas na Diretoria, com o Abeguar<sup>5</sup>, com a aprovação do Jolimar<sup>6</sup>. A Júlia<sup>7</sup> e a Maria Laura<sup>8</sup>, a quem eu chamo de Laurinha, já estavam lá. Fui mais uma bibliotecária entre as que foram para lá. Comecei a trabalhar com a Maria Laura, que tinha iniciado um trabalho nas Comissões Parlamentares de Inquérito. Esse foi meu primeiro trabalho no Departamento de Comissões (Decom). Outro trabalho que eu fiz foram os *Diários Oficiais Estaduais*<sup>9</sup>, ainda na Biblioteca, em 1975, incentivada pela D. Juracy<sup>10</sup>. O trabalho foi apresentado num congresso e objeto de matéria de um jornal. A D. Juracy tinha colocado uma porção de temas. Como era do setor de periódicos, achei que caberia a mim fazer o trabalho. Nós que trabalhamos com jornais sentimos a dificuldade de leitura. Foi neste aspecto que trabalhei, para melhorar a apresentação do *Diário Oficial*.

## **7. O trabalho no Cedi**

Trabalhei na Seção de Periódicos. Depois, houve uma reforma, acho, quando criaram o Cedi e a Seção de Aquisição. Quando entrei, a responsável pela Seção de Periódicos era a Maria Laura Lion, que estava fazendo um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. Depois, o responsável foi Vítor Espírito Santo, que faleceu. Em seguida, foi a Ivonete<sup>11</sup>; depois me chamaram. Antes de quatro anos, creio, tive a oportunidade de ser chefe e aceitei.

## **8. O trabalho no Decom**

No Decom, começamos a nos preparar para introduzir a informatização. Trabalhávamos com isso, sempre subordinados ao Senado, que estava mais

---

<sup>5</sup> Abeguar Machado Massera.

<sup>6</sup> Jolimar Corrêa Pinto

<sup>7</sup> Maria Júlia Rabello de Moura.

<sup>8</sup> Maria Laura Coutinho.

<sup>9</sup> LINS, Maria Inês de Bessa. *Diários Oficiais dos estados Brasileiros*. R. *Bibliotecon*. Brasília 4 (1) jan./jun. 1976, p. 23-47 [http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/02/pdf\\_d7a5189ebe\\_0008270.pdf](http://www.brapci.inf.br/repositorio/2010/02/pdf_d7a5189ebe_0008270.pdf)

<sup>10</sup> Juracy Feitosa Rocha.

<sup>11</sup> Maria Ivonete Faria Cunha.



adiantado que a Câmara nesta área. Fiz alguns cursos no Senado. Existia uma expectativa. O trabalho mais importante que fiz foi este.

Como secretária de Comissão, trabalhei mais por intuição. Diante de alguma dúvida que eu tinha, recorria tanto à Maria Laura como à Maria Júlia. As duas já haviam passado por ali antes de mim. Portanto, elas já tinham experiência. O bibliotecário ou documentalista sabe trabalhar muito bem com estas coisas. No meu caso, tinha que adaptar meu lado mais fraco: lidar com as pessoas. Mas acho que cumpri a tarefa, dei conta.

Ainda no Decom fizemos, eu e Maria Laura Coutinho, os dois volumes publicados em 1983 das *Comissões Parlamentares de Inquérito de 1946 a 1982*<sup>12</sup>. Foi uma investida da Maria Laura, que ofereceu este trabalho ao Jolimar, Diretor do Departamento de Comissões, e ao Abeguar, Diretor do Departamento de Comissões Temporárias como forma de contribuição que poderíamos dar como bibliotecárias. Foi trabalhoso. Quando se lida com materiais antigos, como máscaras e luvas, a garganta sofre muito. Foi bem trabalhoso, mas eu gosto de fazer este tipo de trabalho, tanto é que continuo trabalhando com genealogia, que não tem a ver com a Câmara.

## 9. Genealogia dos Bessa e dos Villefort

A genealogia é algo que eu gostaria de ter feito antes. Minha família sempre foi envolvida com esta área. Não foi complicado fazer a genealogia dos Bessa e dos Villefort. Eu trabalhei como colaboradora, escrevi o capítulo sobre os mineiros e o capítulo sobre Santa Catarina do livro *Seis Séculos da Família Bessa*<sup>13</sup>. A primeira edição deste livro se referia apenas ao Ceará e a Minas. Quando o lançamos, houve uma reação dos Bessa de outros Estados. Foi preciso fazer uma segunda edição. Foram quase sete mil pessoas. A família é grande. Afinal, são seis séculos. Lancei agora em julho um novo livro, *Somos Todos Villefort*<sup>14</sup>. Deu menos trabalho, mas a responsabilidade foi maior, porque o fiz sozinha.

<sup>12</sup> COUTINHO, Maria Laura e LINS, Maria Inês de Bessa. **Comissões Parlamentares de Inquérito: 1946 a 2002**. [s.l.] : Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006. Disponível em: <<http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/17081>>.

<sup>13</sup> MAIA, José Néilson Bessa. **Seis séculos da Família Bessa: as linhagens cearenses e mineiras**. [s.l.] : Expressão, 2012.

<sup>14</sup> LINS, Maria Inês de Bessa. **Somos todos Villefort**. Brasília: Editora Três em Um, 2017.



## **10. Os seminários e a Lei Orgânica da Saúde**

Os deputados já pareciam ter alguma coisa na cabeça, porque a Comissão se instalou em março e, nos primeiros dias de maio, realizamos o seminário sobre saúde. Acredito que eles já tinham um trabalho de bastidores, que desconhecia, mas percebi isso. Tive cobertura do Presidente da Comissão, Raimundo Bezerra<sup>15</sup>, e um grande auxílio, no primeiro simpósio, de Geraldo Alckmin<sup>16</sup>. Entre as coisas curiosas que poderia contar, uma delas é que naquela época Geraldo Alckmin colocou a família dele para trabalhar com os funcionários da Comissão à época, que era mais ou menos semelhante à Subcomissão dos Estados, com poucas variáveis, com número reduzido. Como não daríamos conta de expedir os sete mil e tantos convites que enviamos, eles me trouxeram a listagem já com as etiquetas. Era necessário envelopar, etiquetar e fechar. Ele colocou a família dele, as crianças, e me surpreendi com o espírito dele de fazer isso. Trouxemos aproximadamente 800 pessoas. Foi necessário o auditório do Senado Federal, maior que o da Câmara, para comportar tantas pessoas.

O seminário sobre saúde foi um sucesso. Já o da Previdência Social e da Assistência Social não teve a mesma repercussão, porque não houve o mesmo envolvimento; não existia, talvez, este trabalho anterior dos deputados. Novamente tentamos trazer outras pessoas, o que foi mais difícil. O simpósio sobre saúde havia ocorrido antes, na Comissão de Saúde, em outros anos. Mas movimentado assim, não. Acho que este após a Constituição foi o mais volumoso.

## **11. Fazendo parte da História**

Nós participamos mais dos bastidores do que da repercussão. Como cidadã, acho que a Constituinte foi um avanço. Hoje acho que houve muito detalhamento. A Constituição poderia ter sido menos detalhada, para permanecer mais inteira. Na época, com as emendas populares, levantaram-se muitos assuntos palpitantes para nós, assuntos que pudemos vivenciar. Achava importante o que estava acontecendo

---

<sup>15</sup> Raimundo Bezerra (1936-1998). Deputado Federal - CE, PMDB (1987-1991; 1995-1995).

<sup>16</sup> Geraldo José Rodrigues Alckmin Filho. Deputado Federal - SP, PMDB (1987-1991); Deputado Federal - SP, PSDB (1991-1995). Governador de São Paulo (2001-2006; 2011-2018).



---

naquele momento. Na época, concedi entrevista à *TV Nacional*, mas não cheguei a assistir. Tive notícia, por uma tia que me viu lá. Falei do sentimento de participar da história do País, sentimento que repito a vocês. A sensação que tive na época era que estava fazendo parte da história e que poderia contar isso a meus netos. Naquela época, acreditava nisso. Mas este sentimento é bem real. Eu sou parte da história! Não passei em branco, não!

Os temas mais candentes para mim eram aqueles que estavam afetos aos assuntos de que eu tratava, como o atendimento a pessoas deficientes, o cuidado com as mulheres. Acho que, de alguma forma, nós nos sentíamos abandonadas e precisávamos que isso fosse visto com olhos mais generosos. Para mim, foram mais essas coisas e a tentativa de fazer o povo participar. Acho que foi muito pouco, porque pareciam meio forçadas as emendas populares. Não é como hoje que vemos o povo ir às ruas, e isso é espontâneo. Naquela época, iam atrás para colher as assinaturas, não era exatamente o povo se mobilizando. Não me lembro de ter visto alguém na TV falando, jornais falando “*olhem, venham aqui*”, ou então de as pessoas virem buscar para poder assinar. Eu não sei como eram colhidas.

A Constituinte foi uma coisa importante, e digo isso não só como funcionária, mas como cidadã mesmo. Acho que precisávamos dessa sacudida, e acho que foi o que a Constituinte fez. Acho que estamos precisando fazer outra Constituinte. O cenário político não está muito bom. É preciso que se dê uma sacudida. Naquela época, era mais até para nos enxergarmos como cidadãos. Antes éramos só mais uma pessoa. Não havia este sentimento de cidadão que conquistamos com a Constituição. Agora que temos uma consciência maior, saberíamos escolher melhor os nossos representantes. Temos mais conhecimento e informação para selecionar melhor o que deve constar de uma Constituição, e fazer valer.

## **12. Os novos estados**

Não sei se é a hora de falar dos Estados, mas, por exemplo, quando na Subcomissão dos Estados se discutiam as propostas para criar novos Estados, somente senti um envolvimento popular com a de Tocantins. Quando fizemos a audiência pública que ocorreu em Goiânia, a reunião da Assembleia estava cheia de





peessoas. As pessoas, tanto os goianos quanto os futuros tocantinenses, estavam desejando aquela separação, porque Tocantins finalmente seria olhado e Goiás não se sentiria tendo que carregar um peso, eles poderiam se desenvolver melhor. Havia outras propostas. Não me lembro de todas. Rio Grande do Sul, que era separatista, Minas Gerais em dois lugares, o Triângulo Mineiro e Barra de São Francisco. Era um grupo de pessoas que tinha um interesse, mas não existia essa mobilização que percebi em relação ao Tocantins. Sem falar do Siqueira Campos<sup>17</sup>, que até greve de fome fez. Acho que de envolvimento houve esse que senti de goianos e de futuros tocantinenses.

### **13. A participação popular**

Pode ter acontecido de ter muita gente vindo à Câmara, mas como fiquei nos bastidores, não vi acontecer isso. Tinham aquelas pessoas que defendiam uma proposta. Essas eu chegava até a conhecer. Mas, assim, povão, não me lembro de ver. Mas eu era de bastidores.

Quando das emendas populares, já estava na Comissão de Sistematização. A Júlia era a chefe do setor de emendas populares, e a Maria Laura era da Comissão de Sistematização. Eu era auxiliar delas, tanto que tem uma fotografia do *Correio Braziliense*. Eles me pediram para ser capa do jornal, e eu me deixei fotografar. Eu realmente estava trabalhando no armazenamento das emendas, acondicionando-as dentro das caixas, classificando-as. Esse tipo de coisa eu estava fazendo. Mas a responsável por receber as emendas, qualquer coisa assim, era a Maria Júlia.

Acho que as emendas populares foram mais um gesto político. Mas isso serviu para que aquelas pessoas que chefiavam essas propostas as defendessem. Havia um momento em que elas eram ouvidas em plenário, em audiência. Não participei diretamente, por isso não sei falar muita coisa. Na Subcomissão dos Estados houve pouca sugestão, comparado com outras. Essas poucas foram trabalhadas e encaminhadas.

---

<sup>17</sup> José Wilson Siqueira Campos. Deputado Federal - GO, ARENA (1971-1975, 1975-1979, 1979-1983). Deputado Federal - GO, PDS (1983-1987). Deputado Federal - GO, PDC (1987-1988). Governador – TO (1989-1991; 1995-1998; 1998-2003; 2011-2014).



#### 14. Secretária da Comissão de Previdência e Assistência Social

Eu não sei como fui selecionada para ser secretária da Subcomissão. Antes da Constituinte, era Secretária da Comissão de Previdência e Assistência Social, uma Comissão que passou a existir naquele ano. Montei a Comissão, a Secretaria de uma Comissão, melhor dizendo. Acho que isso deve ter me recomendado. Como eram muitas comissões temáticas e muitas subcomissões, acho que eles aproveitaram as pessoas que tinham um mínimo de experiência. Fui uma delas.

Antes da Secretaria da Comissão de Previdência e Assistência Social, tinha terminado com a Maria Laura esse livro das Comissões Parlamentares de Inquérito. Tinha feito a proposta de fazer um similar sobre as Comissões Especiais. Estava trabalhando nos bastidores. Comecei a levantar e não chegou a virar livro, porque fui chamada para secretariar a nova Comissão. O Ministro Reinhold Stephanes<sup>18</sup> ia ser o Presidente da Comissão e solicitou uma indicação da Casa. Recebi um chamado lá no gabinete do Diretor, porque estava sendo indicada e era para me apresentar a ele. Ele faria uma entrevista comigo. Não havia a certeza de que fosse a indicada. Fiz a entrevista com o Reinhold Stephanes, e ele gostou. Virei a Secretária da Comissão.

Comecei já com 300 projetos de cara. Catalogar, fazer fichamento, fazer a distribuição desses trabalhos. O Presidente, o Reinhold Stephanes, decidiu que não ia fazer a distribuição dessas matérias, porque ia vir a Constituinte e tudo que estaria ali seria revisto. Então, esvaziou a importância da Comissão. Acabou ali, naquele momento.

#### 15. A constituição da equipe da secretaria da Subcomissão dos Estados

Na Subcomissão dos Estados, não interferia na questão relacionada a assessor. Tinha que ter só um *staff* que fizesse o trabalho de secretaria realmente. Algumas pessoas busquei diretamente, como aconteceu no caso da Anamélia<sup>19</sup>, que, depois, veio a ser Secretária de Comissão, e no da Sônia<sup>20</sup>. A Sônia havia sido

<sup>18</sup> Reinhold Stephanes. Deputado Federal - PR, ARENA (1979-1983); Deputado Federal - PR, PDS (1983-1987); Deputado Federal - PR, PFL (1991-1995; 1995-1999); Deputado Federal - PR, PMDB (2003-2007; 2007-2011); Deputado Federal - PR, PSD (2015-2019). Ministro do Trabalho e Previdência Social (1992). Ministro da Previdência e Assistência Social (1995-1998). Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (2007-2009).

<sup>19</sup> Anamélia R. Correia de Araújo.

<sup>20</sup> Sônia Lacerda Fleury.



professora de português, tinha o curso de Letras, havia trabalhado na biblioteca. Eram as duas que conhecia diretamente. Foi solicitado que tivesse, por exemplo, copeira — que era aquela Murici<sup>21</sup> —, que tivesse alguém, um rapaz, que pudesse fazer alguma coisa com um pouco mais de peso que nós precisássemos — aí, me indicaram o Mourival<sup>22</sup>, que fiquei conhecendo ali. A Zilda<sup>23</sup> veio de uma outra Comissão. A Míriam<sup>24</sup> também trouxe da biblioteca, com quem havia trabalhado. Eu a conhecia de lá. Então, formei a minha equipe. Era mais ou menos assim. Nós buscávamos as pessoas afins, as pessoas que sabíamos que dariam conta do trabalho. No trabalho, sou muito exigente. Posso ser até generosa, sou jeitosa para poder dar as minhas ordens, mas exijo e fico no pé.

## **16. A rotina da Subcomissão dos Estados**

Organizar o material que chegava e distribuir, manter os convites, convocar reunião, estabelecer onde seria reunião. Eram coisas administrativas. Por exemplo, quando havia audiências públicas, conseguir as coisas junto à Câmara para passagem, hotel. Por exemplo, quando fizemos a viagem a Goiânia, consegui um ônibus. Fomos de ônibus da Câmara para lá, deputados e funcionários. Foi uma farrá. Todo mundo no mesmo ônibus. Entre as coisas que consegui, foi levar meu marido nesse ônibus. Ele não tinha nada a ver com a Câmara, mas o deputado permitiu. Aliás, uma curiosidade também: o Presidente era o Senador Chagas Rodrigues<sup>25</sup>, do PMDB do Piauí. Ele era muito calmo, tranquilo, quem botava fogo na Comissão era o Relator Siqueira Campos. Então, muita coisa se resolvia com ele. Isso de ajudar a conseguir o ônibus foi ele que agilizou as coisas. Só o Secretário é muito difícil conseguir determinadas coisas. Mas se vai um parlamentar junto, nós damos a dica: se for por esse caminho ou se for por aquele, nós vamos chegar lá. Aí com ele se conseguiu. Se tivesse ficado só com o senador não teria saído.

---

<sup>21</sup> Maria Cesário de Souza Murici.

<sup>22</sup> Mourival Monteiro Costa.

<sup>23</sup> Zilda Falcão Niemeyer.

<sup>24</sup> Míriam Maria Bragança Santos.

<sup>25</sup> Francisco das Chagas Caldas Rodrigues (1922-2009). Deputado Federal - PI, UDN (1951-1955); Deputado Federal - PI, PTB (1955-1959; 1963-1967); Deputado Federal - PI, MDB (1967-1971). Governador - PI (1959-1963). Senador - PI (1987-1988; 1988-1995).



Sempre a preocupação era em relação ao resultado da Comissão. Houve o episódio de um deputado — eu não vou dizer qual foi — que queria que fizéssemos os trabalhos de propaganda eleitoral dele. Naquele tempo, se fazia através de cartinha. Ele queria que fizéssemos isso. Eu disse: “*Esse trabalho nós não fazemos*”. Então, tinha que ser um pouco positiva com eles. Ele poderia me mandar embora do lugar — não é? Mas acho que a barreira também era dele de vencer. Ia me tirar por conta do quê? Será que ele confessaria o que ele estava querendo? Eu era eficiente nas outras coisas. Ele pensaria duas vezes. Acho que foi o que ocorreu.

O trabalho da Subcomissão durante a Constituinte talvez fosse de mais urgência, porque o tempo era curto. A Subcomissão dos Estados, por exemplo, acho que foram dois meses, por aí. Era um período curto para se dar conta de muita coisa. Numa Comissão normal, não tem esse prazo, principalmente as Permanentes, que eu secretariei. Não se tinha essa urgência do prazo, embora existissem as urgências dos projetos — não é? Mas, quando era urgente, o projeto ia para o plenário. Acho que na Subcomissão a diferença era basicamente essa.

O Secretário da Comissão, que já estava nomeado, dava alguma assistência nas Subcomissões, principalmente em relação a Regimento, alguma coisa nesse sentido. Mas ele tinha que dar conta de três — não é? Com as reuniões das subcomissões ocorrendo, como é que ele ia estar em três lugares ao mesmo tempo? Então socorria aqueles que ele sentisse que estavam mais fragilizados, acho. Eu me lembro de ele ter me dado alguma assistência. Mas não consigo nem lembrar o nome. Se não me engano, era Edson<sup>26</sup>.

Nas audiências públicas, a indicação dos expositores era sempre do Relator ou dos outros deputados, propondo. A variação no número dos indicados era por conta da indicação deles. Como secretária, não há nenhuma interferência. Só agilizávamos para que aquilo ocorresse conforme o pedido.

## 17. A criação de novos Estados

Entre os parlamentares da Subcomissão, além de Siqueira Campos, que era o relator, destaco o Fernando Gomes<sup>27</sup>, porque ele agilizou tudo para que ocorresse a

<sup>26</sup> Edson Nogueira da Gama.

<sup>27</sup> Fernando Gomes de Oliveira. Deputado Federal - BA, PMDB (1983-1987; 1987-1988; 1995-1996).



audiência pública na Bahia. Não participei, porque tinha acontecido a de Tocantins e tinha que dar as providências do que tinha ocorrido lá. A Sônia é que foi secretariar lá. Ia ser uma viagem mais longa, acho que levaria mais de um dia. Não foi como a daqui, que foi rapidinha. Teria que ver com ela, não sei detalhes de lá. Lembro que ela trouxe bastantes chocolates de Ilhéus porque eles ganharam lá.

O grande tema da Subcomissão era a criação de Estados. E desse jeito. Tocantins era o que puxava mais, mobilizou realmente. Nos outros estados a vontade era de grupos, de pequenos grupos, mas no caso do Tocantins senti que havia um interesse maior, econômico. Acho que era uma coisa já trabalhada a mais tempo, de convencimento das pessoas, e a mobilização que havia com o Siqueira Campos era mais envolvente realmente. Mas ele dava oportunidade; como Relator, ele deu oportunidade.

A aprovação do novo Estado foi tranquila. Aconteceu até uma dessas coisas que eu gosto de contar, das curiosidades, nos destaques, já na Comissão de Sistematização, mas tendo a ver com a criação do Estado de Tocantins. O Siqueira Campos queria que o trabalho dele fosse o primeiro, porque o primeiro era encapado, então, ele teria destaque, porque qualquer um que pegasse teria o dele logo na frente, como o número um. Ele mandou a filha dele. Ela chegou mais cedo. Antes de abriremos para poder receber, ela já estava lá. Mas nós só podíamos abrir às nove horas. Aí, chegou um outro deputado — eu não lembro o nome dele —, que me disse: *“Eu sou parlamentar. O meu vai ser o número um”*. Olha o meu dilema. Ele estava argumentando, ele era autoridade, ela era filha de uma autoridade. Consultei os bastidores, e disseram para mim: *“Autoridade vem na frente”*. Então, teve que ser o outro o número um. A menina desabou a chorar. Eu a chamei num cantinho e disse assim: *“Olha, vou resolver isso junto com você. Eu vou escrever um bilhete para o Deputado Siqueira Campos contando para ele que eu estava dando a ele o número 9, que era o meu número de sorte, e essa sorte seria transferida para ele”*. E assim eu fiz. Acho que esse foi um dos motivos de ter ganhado a comenda. A honra ao mérito se deveu a essa brincadeira que fiz. Mas fiz de coração, mesmo. Ela levou esse bilhete para ele. Depois, nós brincamos, no dia em que passou: *“Não disse?”* Era o meu número de sorte.



Na Comissão, a batalha para a criação do Estado de Tocantins não foi tão complicada. Talvez tenha sido mais complicada no Plenário. Mesmo assim, o Deputado Siqueira Campos era desses de trabalhar um a um. Eles achavam que era menos importante. No plenário, eu acho que eles não davam valor. Alguma outra coisa poderia ser mais importante do que o gasto que haveria com a criação de um Estado. Era nessa linha, eu acho.

### **18. A comissão de sistematização**

Depois da Subcomissão, fui para a Comissão de Sistematização. Trabalhei com as emendas populares, desde o recebimento até a disponibilização. E no acondicionamento do material, porque havia momentos em que nada disso estava acontecendo, mas todo aquele material que passava pela Comissão tinha que ser preparado, organizado, enviado depois para o arquivo. Então, exigia que houvesse um mínimo de organização desse material. Trabalhei muito nos bastidores, cuidando disso de acordo com aquilo que era a emergência do momento.

A rotina era botar em ordem, botar autoria a mesma da Subcomissão. Nós ficávamos com mais de uma via, tirávamos cópia. Uma era mantida na organização pelo número, e a outra, nós colocávamos de acordo com os artigos a que faziam referência, nas prateleiras, guardadas em pastas, pelo número de artigo. Nós juntávamos. Por exemplo: se havia mais de uma por Tocantins, nós juntávamos. Mas não era muita coisa, na Subcomissão, não. Fui mais fazer esse tipo de trabalho na Comissão de Sistematização.

Na Comissão de Sistematização, havia destaque. O destaque você tinha que receber até a meia-noite, e no dia seguinte já tinha que estar à disposição. Nós varávamos a noite. Era uma equipe grande. Eu chefieei os destaques. Então, às vezes, ficava bastante brava com quem fizesse corpo mole para tomar uma água, um café. Eu via que estava descansando: mais esse aqui para você, mais esse aqui. Botei todo mundo a trabalhar. Nós, às vezes, saíamos daqui de manhã, às nove horas, e voltávamos antes do meio-dia. Só íamos tomar banho, comer alguma coisa, sem direito a dormir. Agora, por conta disso — aí, vêm as minhas curiosidades —, não tinha tempo de ir à rua, nem de ir a *shopping*, nem de coisa nenhuma. Não gastava dinheiro; só ganhava. Aí, ao final, comprei um carro zero! Foram dois anos de dureza.



O trabalho na Comissão de Sistematização era assim: na hora de receber, havia uma pessoa só para manter o número em sequência. Vinham para nós uns rolos preparados pelo Centro de Processamento de Dados do Senado Federal (Prodasen)<sup>28</sup>, com o número. Por exemplo, vinha cinco vezes o número um, cinco vezes o número dois. Nós saíamos etiquetando cada um. Um, nós entregávamos; era o protocolo. Ganhou o número, era o seu protocolo. Os outros, cada um tinha um destino. Uma das etiquetas nós colocávamos no índice de autor, já ia saindo com o autor, porque se colava a etiqueta com o nome do deputado, e alguém botava na ordem. Rapidinho a coisa ficava pronta. Todo esse material - talvez não só do Prodasen, mas também da Gráfica do Senado — era produzido a tempo para nós. Recebíamos a tempo e a hora.

Uma outra equipe pegava a outra cópia desses destaques, juntava com aquelas cópias da emenda e com o artigo — porque o destaque só dizia “*destacar a emenda tal*”, qualquer coisa assim —, e aí colocava o artigo junto. Nós colocávamos na prateleira, pela ordem dos artigos. Era outra equipe. Mas, de vez em quando, eu ia lá também botar fogo. Era mais ou menos assim, funcionava bem rápido, porque, quando chegava no dia seguinte, às onze horas da manhã, estava tudo em condições de ser trabalhado.

## 19. A coordenação do Mozart

Foi nesse período da Comissão de Sistematização que trabalhei com o Mozart<sup>29</sup>. Nessa época, ele secretariava, assistia o Dr. Paulo Afonso<sup>30</sup>. Ele ficava encarregado daquilo que ia para publicação, se estivesse tudo em ordem. Lembro de que ele queria ver como é que estava produzindo o meu índice de autor, para saber se ele podia confiar ou não. Ele reviu tudinho. Houve um erro, um furo de alguém lá na cadeia, não sei quem. Fiquei admirada com a capacidade dele de conferir, porque ele conferiu tudo antes de mandar publicar. Fiquei feliz pela metodologia que inventei.

O Mozart estava sempre presente onde fosse mais importante, para que a coisa acontecesse corretamente. Ele fazia o papel do Dr. Paulo Afonso, como se fosse a

<sup>28</sup>

<sup>29</sup> Mozart Vianna de Paiva. Supervisor do Grupo de Apoio da Secretaria-Geral da Mesa da Constituinte.

<sup>30</sup> Paulo Afonso Martins de Oliveira (1927-2005). Secretário-Geral da Mesa (1965-1988). Ministro do Tribunal de Contas da União (1988-1997).



sombra dele, porque o Dr. Paulo Afonso também era muito eficiente, eficaz, rígido. Queria tudo direitinho. Não podia haver falha com ele! O Mozart cuidava para que não ocorresse nenhuma falha. Por isso, ele vinha atrás de nós, sentindo a nossa capacidade de dar as respostas de que eles precisavam. Acho que ele fazia esse trabalho de conferência, assim, nesse sentido, de ter certeza de que estava tudo saindo, em relação ao meu trabalho. Mas ele estava sempre presente, assim.

Eu já conhecia o Mozart de bem antes. Já estava na Câmara, e ele queria fazer o concurso para cá. Havia uma bibliografia, uma referência bibliográfica. Ele dizia que lia aquilo, mas que não estava compreendendo bem o que era. Ele era cunhado de uma amiga minha de Belo Horizonte que já morava aqui em Brasília, e ela nos apresentou. Lembro que ele foi à loja do meu marido, e nós abrimos as coisas em cima do balcão. Fui mostrando a ele: *“Isso quer dizer isso”*. Aí pegava um livro e dizia: *“Olha, aqui você faria assim. No livro, você faria assado”*. Fui descrevendo para ele como fazer. Aí ele disse: *“Ah, agora eu vou passar a estudar entendendo o que estou estudando”*. Pronto, aí ele passou no concurso. Foi assim que nós nos conhecemos. Ele é muito agradecido, é uma pessoa agradecida.

## 20. O lobby feminino

Os grupos de pressão pressionavam o Relator<sup>31</sup>, não chegava ao *staff*. Quando muito, era para fazer brincadeira. Mas eu não sentia isso, não. O nosso *lobby* era para darem atenção às mulheres nos trabalhos deles, em relação à aposentadoria, por exemplo. Era na base de chegar e dizer: *“Olha, o senhor podia olhar isso!”* Era assim, não existia um movimento propriamente, mas quem tivesse acesso ajudava. Havia uma coisa que falávamos: era mais fácil trabalhar com mulher do que trabalhar com homem. Com *staff* ou com parlamentar, é mais fácil lidar com mulher. Numa das fotos tirada no plenário, dá para ver que nós fizemos um grupinho em que a maior parte era de mulheres<sup>32</sup>.

A Maria Laura me chamou para trabalhar com ela, e a maior parte era composta por mulheres. Na minha Comissão, a maior parte era composta por mulheres. E por

<sup>31</sup> Bernardo Cabral. Deputado Federal - AM, MDB (1967-1969). Deputado Federal (Constituinte), 1987-1991, AM, PMDB. Ministro da Justiça, 1990. Senador - AM, PFL (1995-2003). Relator da Constituinte.

<sup>32</sup> V. Sistematização curva-se ao lobby feminino. *Correio Braziliense*, 26 de agosto de 1987, p. 7.





quê? Quando conseguimos que a mulher resolva trabalhar, ela vem e trabalha. Mas o homem começa a trabalhar, distrai-se, olha ali, olha não sei o quê, vai tomar um café, e não conseguimos aquilo que está precisando. Com mulher, às vezes você fala num tom um pouco mais alto, e num instantinho entra.

Eu tive alguns desentendimentos — não sei se a palavra seria bem esta — por falar como forma de ordem. Na maneira de falar, sou dócil, peço, mas quero crer que quem está do outro lado reconhece em mim a autoridade e vai obedecer. Tive pessoas que questionaram o fato de eu dar ordens. Foram pessoas que dispensei, não serviram para trabalhar comigo. Era preciso acatar. Por isso, é melhor trabalhar com mulher do que com homem.

## 21. Avaliação do trabalho na Constituinte

Eu tenho a visão de que nós conseguimos fazer bem, mas alguma coisa pode ter escapado, porque realmente era tudo para ontem. Se tivesse que rever, de fazer ficar melhor, talvez devêssemos ter preparado as pessoas antes, porque nós seguimos a intuição, não havia preparo. Houve reuniões. Acho que sim. Mas eu não sei se elas foram suficientes. Lembro de algumas reuniões que o Dr. Hélio Dutra, que era o Diretor, convocou para falar do assunto. Falou mais sobre a importância do trabalho, sobre valorizar, sobre como poderíamos obter pessoal para o *staff*. Foi muito mais genérico do que nós precisávamos, porque, na hora em que começou, nós nos perguntávamos: *“E agora? Como você está fazendo aí na sua? Então, vou fazer aqui também. Olha, eu fiz assim e deu certo”*. Era mais ou menos uma troca de ideias. Esta é uma coisa que eu acho que poderia ser melhorado. E as acomodações, porque foi tudo na base do improviso.

Com relação às emendas mesmo, o local não era suficiente para acomodarmos. Ficavam em lugares diferentes. Tínhamos que fazer o trabalho braçal de carregar. *“Põe aqui, vamos olhar isso”*. Se estava em um lugar, nós tínhamos que levar para outro. Recebíamos os destaques em um lugar, e no outro lugar é que se faziam a organização e a classificação. Havia inclusive isso. Havia muita necessidade de ter alguém — vou chamar de contínuo — para carregar para cá e para lá, com a preocupação de que não fosse cair, não fosse perder, não fosse roubado, não fosse desviado. Então, havia algumas preocupações. Talvez isso poderia ser melhorado,



não sei, inclusive para guardar o material. Depois que terminou, nós fomos para as comissões permanentes, e não sei quem deu andamento. Não sei como foi.

Agora que estou trabalhando como genealogista, vamos dizer assim, é uma alegria quando estamos pesquisando e encontramos uma referência sobre aquilo que estamos pesquisando. É muito bom! Sempre acho que só vale a pena guardar alguma coisa se ela for encontrável no tempo que se precisa e da maneira como se precisa, senão é bobagem guardar.

## **22. A continuação do trabalho na Câmara**

Depois que saí do Cedi, descobri que nós éramos muito importantes também nas comissões. Aí a Biblioteca ficou reduzida, principalmente para mim, que trabalhei no setor de compras. Eu comprava as revistas e os livros para a Biblioteca. É um universo pequeno. Quando cheguei às comissões, eu me descobri. Inclusive, fui obrigada a enfrentar aquele medo que tinha de lidar com pessoas. Quebrei um pouco isso. Ainda sou tímida, mas quebrei isso, porque coloco o dever de servir na frente.

Depois que deixei de ser Secretária de Comissão, eu fui ser Diretora da Coordenação de Comissões Permanentes. Fui porque era um desafio e queria atender à minha amiga Hilda<sup>33</sup>. Mas, com certeza, é muito mais interessante o trabalho de secretaria de comissão pelo universo de pessoas com que você lida, pelos assuntos, que são mais variados, porque você aprende muito com as discussões que estão ocorrendo. Como Diretora da Coordenação, era limitada a um mundinho. Eu voltei à mesma situação da biblioteca, a um mundo burocrático, administrativo, que não acrescenta nada, tanto é que tentei fazer, mas não vingou.

Eu queria que o Mozart — falo dele porque o conheci antes de ele entrar na Câmara — fizesse um boletim preparando os secretários. Por quê? O que eu queria? Em algumas questões regimentais, o secretário é obrigado a orientar o Presidente. Ele mesmo não sabe como conduzir questões polêmicas, algumas situações que se podem ver tanto de um ângulo como de outro ângulo. O secretário tem que saber dizer ao Presidente: *“Olhe, se for por aqui, vai dar isso; se for por ali, vai dar aquilo”*.

---

<sup>33</sup> Hilda de Sena Corrêa Wiederhecker.



Então, queria que fizéssemos o boletim em cima de um problema que tivesse acontecido numa comissão para fazermos as argumentações. Seria colocada aquela questão e depois haveria uma discussão, para depois o Mozart levar a quem de direito, talvez aos deputados, como deveria ser a decisão. Aí passaria a ser uma regra para o secretário; não seria mudar o Regimento, mas ajudar na interpretação. Lembro de uma questão sobre um pedido de vista, que dava sempre alguma encrenca. Eu não lembro bem como é. Sei que a dúvida em cima dos pedidos de vista — como deveria ser — foi uma das primeiras questões com que trabalhei quando era Coordenadora das Comissões permanentes. O que eu mais estudava lá eram essas coisas que eu inventava. Ninguém tinha isso.

Um dia, o Mozart propôs que os secretários fizessem um fluxograma do andamento da proposta pelas comissões. Ninguém quis fazer. Eu não sabia que ninguém estava fazendo. Fiz a minha e levei para ele. Lembro que deixei uma coisa de fora, algo que não havia planejado. Fiz o fluxograma como quem o faz num programa de computador, usando aquela régua para indicar: *“Se for por aqui, é assim; se for por ali, é assim”*. Fui a única que fiz. Acho que esse foi um dos motivos por que me chamaram para dar aula para secretário de comissão. Achei muito interessante, porque um dos meus “alunos” — entre aspas — foi o Sérgio Sampaio, que já era Secretário da Comissão de Constituição e Justiça, mas achou por bem sentar no banco e ser aluno. Depois, levei uma chamada porque havia feito uma prova muito difícil para os alunos. Peguei projetos e fiz a seguinte proposta: *“E aí? O que pode acontecer com esses projetos? Para onde vão?”* É com isso que eles vão lidar. Mas acharam difícil, acharam que estava sendo muito severa.

Também porque não gostava muito de ficar em evidência, chamei a Maria Júlia para dar aula junto comigo. A nossa aula era de ordem prática. Quando se trabalha em cima do projeto, as pessoas talvez tenham facilidade de acompanhar, mas, quando se trabalha a publicação, que foi o que eu usei na prova, as pessoas não identificam como sendo a mesma coisa. Era um curso específico para secretário de comissão. Não sei se houve mais depois desse. Lembro que a argumentação que usaram comigo, principalmente a Hilda, é que estava me aposentando cedo, que muitos estavam saindo junto comigo e que, de repente, não ia haver ninguém para



---

ensinar os outros. Essa foi a argumentação usada para me convencer. Tenho dificuldade, mas lá fui eu. Levei a Júlia para reforçar.

### 23. O legado

Cumpri minha missão. Em todo o tempo que estive aqui, fui uma boa funcionária, usei de toda a minha capacidade. Pode não ser muita, mas usei de toda a capacidade de que dispunha na época. Já melhorei, inclusive, mas usei tudo que podia à época. E deixei bons exemplos, acho. Por exemplo, a Anamélia foi uma cria. Ficou Secretária da Comissão de Economia. A Ivone<sup>34</sup>, acho, pegou a Secretaria da Comissão do Trabalho. Então, são crias. Diria que dei bons exemplos e ajudei a formar outras pessoas. Cumpri. Queria viver outras coisas.

Quando meu pai faleceu, vi que a gente morre. Até então, isso não era vivo para mim. Eu me perguntei: *“E quando é que vou viver a minha vida, se tudo é consumido aqui?”* Aí, decidi assim. Meu pai faleceu em novembro. Vi que precisava me preparar. Parte do preparo foi o curso de Contabilidade que fiz, para assegurar que, se nada desse certo, teria ainda outra profissão, livre para continuar no setor privado. Fui trabalhar com o meu marido. Depois, eu o pressionei. Quando completei dez anos de aposentada, disse a ele: *“Aqui também não quero mais, não. Agora quero outra coisa. Ele vendeu a empresa, e fui mexer com essas coisas. Vemos o livro pronto assim, mas isso envolve três ou quatro anos de trabalho.”*

Finalmente, quero agradecer. Fico feliz de poder contribuir e de pensar que outras pessoas vão poder utilizar e sentir a mesma alegria que sinto quando encontro alguma coisa que estou pesquisando. Agradeço o trabalho e a gentileza. Agradeço a todos.

### FICHA TÉCNICA

- 1 Data: 08/09/2017
2. Local: Salão Nobre da Câmara dos Deputados
3. Duração: 1h23
4. N° do arquivo: E008
5. Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Rildo José Cosson Mota (P\_6741)
6. Entrevistador: Rildo José Cosson Mota (P\_6741)

---

<sup>34</sup> Maria Ivone do Espírito Santo



7. Equipe de vídeo: Maíra Brito (Produtora – P\_6863); Cláudio Adriano Silva (Cinegrafista – P\_3001.418), Wellington Lima (Assistente de cinegrafista – P\_3002.779)
8. Fotografia: Luis Macedo – P\_882222
9. Responsável pela transcrição: Detaq
10. Data da transcrição: 24/10/2017
11. Responsável pela edição de texto: Rildo José Cosson Mota (P\_6741)